

O Estado de S. Paulo

15/7/1986

Noticiário Geral

O CONFLITO E LEME

Tuma confirma: tiros saíram do Opala

O diretor geral da Polícia Federal, delegado Romeu Tuma, confirmou ontem, depois de reunião com o secretário da Segurança Pública, Eduardo Muylaert, que os primeiros tiros que resultaram na morte de duas pessoas e ferimentos em outras 17 foram disparados do Opala da Assembléia Legislativa de São Paulo, ocupado por deputados do PT.

Segundo Tuma, na sexta-feira à tarde, em Brasília, ele falou sobre os tiros com base em informações recebidas de São Paulo, da Polícia Federal, Polícia Militar e Polícia Civil. "Hoje — disse — eu confirmo, através até das palavras do doutor Muylaert e dos depoimentos coincidentes que ele tem em mãos. Além disso, sabemos que a CUT, 48 horas antes, manifestava um projeto de apresentar à Executiva de que qualquer tipo de invasão tinha de ser feita a qualquer custo. E eu fiz uma interrogação. Será que qualquer reivindicação em que haja participação da CUT, precisa ser conseguida a qualquer preço?".

Quando Muylaert e Tuma faziam um balanço aos jornalistas do confronto de Leme, chegaram ao gabinete do secretário da Segurança o candidato do PT ao governador, Eduardo Matarazzo Suplicy, o jurista Hélio Bicudo e o advogado Eduardo Greenhalgh, iniciando-se uma nova reunião. Suplicy alegou que as testemunhas que prestaram declarações, afirmando ter partido do Opala os primeiros tiros, recuaram contando outra história e apontou três jornalistas e seis fotógrafos como testemunhas. "Nós queremos novos depoimentos" — declarou Suplicy — "o mais breve possível. José Henrique Cafasso disse nada ter visto e posso citar os jornalistas Tadeu Afonso, Alex Solnik e uma repórter do Correio Braziliense que ouviram e viram ele falar".

O encontro de Suplicy com Cafasso ocorreu na noite de sábado, em Leme, onde ele mora. Mas durante a madrugada, assustado, Cafasso esteve na Delegacia de Polícia dizendo ao delegado João Batista Dias da Costa que fora pressionado a desmentir seu primeiro depoimento, segundo o próprio Dias da Costa, que ontem de manhã mandou um telex ao secretário da Segurança, informando todos os detalhes.

O depoimento de Cafasso, feito na Delegacia de Leme, horas depois da troca de tiros e das mortes de Cibele Aparecida Manoel e Orlando Correia, dizia que o ônibus onde ele viajava, dirigido por Orlando de Souza, com outras 42 pessoas, chegava na esquina de uma rua paralela à linha férrea quando os trabalhadores começaram a atirar pedras. O motorista parou e abriu a porta traseira para que os passageiros pudessem descer. No ônibus, ninguém ficou ferido com exceção do motorista, que foi atingido por uma pedrada na cabeça. "Os policiais militares que estavam no ônibus não reagiram e nem chegaram a sacar suas armas. Neste instante, surgiu um carro do tipo Opala cor azul, placas amarelas, com três ou quatro pessoas no seu interior e cortou a frente do ônibus, ficando atravessado na rua. Uma pessoa, que estava no interior do Opala, efetuou dois disparos em direção ao ônibus e um dos tiros atingiu o vidro dianteiro, que ficou estourado e ainda um vidro lateral. Outro tiro acertou a grade dianteira do ônibus". Cafasso não conseguiu identificar o autor dos tiros.

José Henrique Cafasso disse mais: antes da chegada do Opala ao local, não "havia disparos de arma de fogo". O motorista do ônibus, Orlando de Souza, declarou à polícia que ouviu um tiro disparado por um ocupante do Opala da Assembléia Legislativa e assustado abaixou-se. Depois do tiro do Opala é que começou um tiroteio.

O secretário da Segurança, Eduardo Muylaert, irá atender o pedido de Matarazzo Suplicy para que as testemunhas sejam novamente ouvidas com a presença de um integrante do Ministério Público e da Ordem dos Advogados do Brasil. "Se alguém levantar qualquer dúvida quanto aos depoimentos prestados na Delegacia de Leme, vamos determinar que ocorram novamente. Nossa única preocupação é que tudo seja esclarecido e os culpados punidos."

O inquérito sobre as mortes de Leme prosseguirá com a Polícia Civil. Romeu Tuma explicou ter mantido contato com o secretário da Segurança para poder dar um quadro real da situação ao ministro da Justiça, Paulo Brossard, o que foi feito por volta das 11 horas de ontem. Recebeu cópias dos depoimentos e ficou a par de tudo que está sendo feito.

Sobre as informações recebidas por Suplicy, de que mais de 15 mil tiros teriam sido disparados em Leme na madrugada de sexta-feira, o diretor da Polícia Federal disse não acreditar. "Eu não sei como o deputado Suplicy poderia contar tantos tiros. É difícil. Parece também que ele falou de 40 minutos de tiroteio e eu já perguntei a alguns militares e eles não souberam dizer como o deputado chegou a esse cálculo. A não ser que tenha informações que a Polícia Militar distribuiu esta quantidade de tiros. Eu sei que em alguns lugares os policiais devem treinar, ter instruções de tiro, mas não conseguem receber nem mesmo uma carga de revólver."

Tuma declarou ainda que desde 1983 e começo de 1984 o ministro Almir Pazzianotto vem tentando estabelecer a melhor maneira de relacionamento entre os bóias-frias e os proprietários das usinas, mas há sempre uma participação estranha que desvirtua todos os objetivos das discussões, extrapolando o que a legislação obriga que se respeite até para viver em sociedade.

(Página 12)